A PRÁTICA DOCENTE DE LITERATURA INFANTIL

Patrícia Martins Silva[1]
Eliane G. C. Anderi[2]

RESUMO: O propósito deste trabalho é compreender por meio de pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas, quais são as práticas de leituras das obras literárias empregada nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola da cidade de Goiânia. Para compreensão do objeto de estudo emprega-se as abordagens de: Abromovich (1997), Cunha (2003), Cadermatori (1994), Dinorah (1995), Elias José (2007), Ribeiro (2002), Rego (1990) e Zilberman (2003) entre outros, que oferecem o aporte teórico para os estudos. O estudo busca compreender as características do texto literário e quais contribuições as práticas de leitura deste tipo de texto pode agregar ao processo de ensino aprendizagem. Espera-se que esse trabalho contribua com a reflexão sobre as práticas de leitura do texto literário na escola. Acredita-se que este trabalho possa oferecer elementos para melhorar a formação dos futuros professores.
PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Prática Docente. Professores. Obras Literárias. Leitor.

Os resultados apontados pelas avaliações do Sistema de avaliação da Educação Básica (SAEB 2007), Prova Brasil (2007) e Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA 2007) infelizmente, apontam que o desempenho dos estudantes brasileiros não foram resultados satisfatórios. As principais dificuldades encontradas pelos alunos estão relacionados ao domínio das quatro operações básicas de matemática, a leitura e a escrita.

Pode-se inferir desses resultados das avaliações que as instituições de ensino não estão conseguindo formar leitores proficientes, críticos isto é, leitores que consigam ler, entender e interpretar o que foi lido.

Este trabalho tem como objetivo investigar qual é a prática pedagógica de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à leitura de obras literárias, pois leva-se em conta que o seu uso favorece o desenvolvimento dos alunos no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Para maior clareza do objeto de estudo **n**ecessário se faz que o conceito de Literatura Infantil esteja explicitado. Em busca dessa definição Zilbermam, (2003, p. 34) defende que: "para conceituar-se a literatura infantil, é preciso proceder a uma consideração de ordem histórica, uma

[1] Graduanda do curso de Pedagogia da UnUCSEH da UEG Anápolis. patriciamartins88@hotmail.com
[2] Professora do curso de Pedagogia da UnUCSEH da UEG Anápolis. elicosta1@yahoo.com.br

vez que não apenas o gênero tem uma origem determinável cronologicamente, como também seu aparecimento decorreu de exigências próprias da época".

Quando surgiu a literatura não eram feitas para a crianças, somente quando ela passou a ser um instrumento de trabalho da pedagogia e que as crianças começaram a ter acesso às histórias infantis, desta forma surgindo a necessidade de conceituar Literatura Infantil. Não há um único conceito para a Literatura Infantil, diferentes autores defendem diferentes ideias e procuram colocá-las em prática.

Conceituar Literatura Infantil, segundo Dinorah (1995), implica quase que uma filosofia, colocando-nos, assim, diante de uma posição crítica de sua essência, tão diferente e ambígua. O fator "ser criança", é motivo de preocupação, lembrando que não é qualquer coisa ou fato que responde a todas as incógnitas existentes em uma mente que busca inúmeras respostas. Para a autora jamais existirá um conceito único de Literatura Infantil, este sendo um conceito inacabado.

Para Zayra Petry *apud* Dinorah, (1955, p. 29). "A Literatura Infantil é a própria expressão literária, com valores e características que se ajustam ao desenvolvimento intelectual e psicológico da criança. É o conjunto de obras de ficção, poesia, teatro, biografias, viagens, aventuras reais, escritas para as crianças e ajustadas à sua psicologia."

A escritora Cecília Meireles *apud* Dinorah (1995), afirma que a Literatura Infantil é tudo aquilo (textos, livros e histórias), que despertam interesse, prazer na criança.

Carlos Drumonnd de Andrade *apud* Dinorah (1995), expressou-se sobre o tema:

> O gênero literatura infantil tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de se constituir alimentos para o espírito da criança ou jovem e se dirige ao espírito adulto? Qual o bom livro de viagens ou aventuras destinado a adultos, em linguagem simples e isento de matéria de escândalo, que não agrade à criança? Observados alguns cuidados de linguagem e descência, a destinação preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte, ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido e desvitalizado, porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria da infância? Vêm-me a lembrança as misturas de árvores com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses: não são organismos naturais e plenos, são anões vegetais. (ANDRADE Apud DINORAH, 1995, p. 27.).

Já no Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2004, p. 519 e 476.), Literatura "é arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso, e infantil, significa próprio da infância, ou para crianças". Os significados destas duas palavras nos permitem afirmar que Literatura Infantil, é, portanto, textos em prosa ou em versos feitos para crianças.

Cada autor, assim como cada escritor, tem ou formula uma definição própria de Literatura Infantil. É preciso então deixar claro que ela tem como público alvo a criança, porém não podemos afirmar que somente as crianças são os leitores dos livros infantis. Jovens e adultos, também se sentem atraídos pelos contos, fábulas, enfim pelas histórias infantis.

Aqui trabalharemos com conceito de que as obras literárias infantis são destinadas às crianças. Ao serem elaborados, escritos e desenhados são pensados para o universo infantil. Diríamos que "atingir" os jovens e adultos é uma consequência do bem estar, prazer que a Literatura Infantil provoca em seus leitores.

Um dos principais precursores da Literatura Infantil mundial foram: o francês Charles Perrault, o dinamarquês Hans Christian Andersen e os alemães Jacob e Wilhelm Grimm (os irmãos Grimm).

Segundo Cadermatori (1994), Charles Perrault costumava coletar contos e lendas da Idade Média para adaptá-los, constituindo, assim, os famosos contos de fadas, que desde a sua criação vem conseguindo ser característica fundamental do gênero infantil. A autora ainda coloca que:

> Os contos de Perrault, em alguns momentos, caracterizaram-se por certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica. O trabalho de Perrault é de adaptador. Parte de um tema popular trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: à burguesia. (CADEMARTORI, 1994, p. 36.).

Os contos de fadas de Perrault que mais se destacaram foram: "Barba Azul", "O Pequeno Polegar", "Rapunzel", "Cinderela" e o "O Gato de Botas".

Oliveira (2005 *on-line*), nos mostra que Andersen, em seus contos, procurava enfatizar valores éticos, morais, políticos e culturais. Narrava seus contos sempre se baseando nos extremos e opostos das situações: o poderoso e o desprotegido, o forte e o fraco, o belo e o feio, o certo e o errado. Para ele, seu trabalho poderia contribuir para a formação do indivíduo, mostrando assim, que todos nós somos iguais.

Os contos de Andersen que mais atraíram leitores foram: "A Pequena Sereia", "O Patinho Feio" e o "O Soldadinho de Chumbo".

Os irmãos Grimm também marcaram a história da Literatura Infantil. Ambos, em suas histórias, buscavam escrever idéias positivas e que trariam bem estar a todos. Personagens como bruxas, monstros, lobos e dragões eram utilizados com a intenção de servirem como um alerta às crianças, para não acreditarem ou "caírem" em conversas de estranhos ou desobedecerem a seus pais. Os irmãos trabalharam muito a questão da presença feminina como um ser frágil, porém determinada e muito valente. Pombo (2002, *on-line*).

"Chapeuzinho Vermelho", "A Bela Adormecida", " Branca de Neve", "João e Maria" e os "Músicos de Bremen" foram histórias, ou contos maravilhosos, escritos pelos irmãos Grimm que estiveram presentes na infância de muitas crianças e adultos.

No Brasil, a Literatura Infantil teve seus primórdios no final do século XIX. "Até ali prevaleceu, a literatura oral, onde misticismo e folclore se somavam a elementos indígenas,

europeus e africanos. Surgiu daí as famosas "contadoras de histórias", lembradas em emocionantes páginas de nossos escritores que enriqueceram a fantasia do Brasil – menino". (DINORAH, 1955, p. 33).

A autora ainda coloca que "Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram os primeiros brasileiros a se preocuparem com a Literatura Infantil no país, traduzindo as mais significativas páginas dos considerados clássicos para a garotada." (DINORAH, 1955, p. 33).

A Literatura Infantil brasileira foi marcada pelas obras de José Renato Monteiro Lobato, que mais tarde mudou seu nome, e passou a se chamar José Bento Monteiro Lobato. Ele foi responsável pela criação de personagens que caracterizaram a Literatura Infantil brasileira. Muitos adultos cresceram ouvindo as histórias de um Sítio bem diferente, onde quase tudo era permitido. Para os personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo (Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde, Saci, Cuca, Rabicó, Lobisomem, Mula sem Cabeça, Boitatá, Quindim e o Príncipe Escamado), tudo era possível e permititido, a imaginação não faltava.

Por ter passado a maior parte de sua vida em fazendas, ambientes rurais, normalmente as histórias de Monteiro Lobato também tinham como cenário este tipo de ambiente, pois, para ele, o contato com a natureza tornava os seres humanos mais livres, espontâneos e felizes.

Ao escrever suas histórias, Lobato tinha uma imensa preocupação com seu público alvo, no caso a criança.

> A consciência social de Lobato levou-o a ter um cuidado especial com o leitor. A convicção a respeito da importância da literatura no processo social, a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional. (CADEMARTORI, 1994, p. 50.).

No entanto, muitos outros escritores deram sua contribuição para a consolidação da Literatura Infantil no Brasil. Cunha (2003) cita alguns: Ângela Lago, Ana Maria Machado, Clarice Lispector, Chico Buarque, Carlos Jasen, Carlos Drumonnd de Andrade, Daniel Defoe, Fernando Pessoa, Figueiredo Pimentel, Mário Quintana, Lygia Bonjunga Nunes, Olavo Bilac, Pedro Bandeira, Roseana Murray, Ruth Rocha e Ziraldo. Todos estes escritores citados possuem obras engraçadas, divertidas, coerentes, e a maioria, bem ilustradas.

Os escritores, ao pensar e escrever suas histórias precisam levar em consideração à qualidade de seus textos, e se estas despertarão nas crianças o desejo e a curiosidade ao lê-las. Abramovich (1997) nos diz que os livros para crianças precisam ser os mais bem elaborados possíveis. Não é porque a obra foi feita para criança que ela precisa ser "boba", sem graça, conter histórias sem nexos e sem sentidos. Pelo contrário, a história precisa ser emocionante, envolvente, engraçada e o mais importante, é necessário que o leitor sinta-se atraído pela leitura que está realizando.

O autor precisa estar muito certo do objetivo que pretende alcançar com sua obra, porque senão ele pode se perder no decorrer das ações. Enfim, a história deve ser sempre bem elaborada. Como diz Ribeiro,

> Um escritor pode matar personagens e criar amor entre um e outro. Pode retirar a angústia e devolver a ternura aos personagens. Pode fazer chover, ventar e, de repente, ensolarar uma página. Pode levantar palácios, abrir mares, trançar a espuma dessas ondas e desabrochar paixões violentas. Agora, o que um escritor jamais poderá fazer é alterar a essência do personagem que ele mesmo criou ou mudar os desejos de sua alma. Para quem não sabe, há um instante, durante a criação de um livro, em que as vontades do escritor perdem força e ele se deixa engolir pela ficção. Da mesma forma como, às vezes, somos engolidos pelo destino e a nossa razão e o nosso livre-arbítrio perdem força diante da fúria dos acontecimentos. (RIBEIRO, 2002, p. 114.).

Normalmente, os livros para as crianças "é o livro do conto mágico, do verso, da luz, da pintura maravilhosa, da música deliciosa, o livro belo, enfim, sem outra utilidade que não seja sua beleza". (JIMENEZ apud DINORAH, 1995, p. 27).

O que não significa que qualquer livro seja capaz de chamar a atenção das crianças. Elias José (2007) afirma que os livros destinados às crianças precisam ser muito bem ilustrados, coloridos, com letras grandes e diferenciados, atraindo, assim, o leitor para compreender por meio de palavras ou imagens aquilo que ele nos diz. A relação existente entre o livro e o leitor precisa ser de total empatia, o que segundo Ferreira (2004) significa identificar-se totalmente com o outro.

Defende-se que o uso da Literatura Infantil em sala de aula jamais pode ser uma atividade mecânica e descontextualizada, pois é atividade que precisa ser, desde cedo, plena de significações.

Segundo Bettelheim (1980) *apud* Simões (2000), os contos de fada, possibilitam uma contribuição importante para o entendimento e estudo do comportamento e anseios humanos, este gênero muitas vezes, estabelece relações benéficas em uma grande parte de suas histórias, pois tem seu enredo um desenvolvimento baseado na equação: estabilidade + problema + solução = estabilidade, abordando assim as principais ou maiores ansiedades vividas pela criança. Ainda, segundo o mesmo autor, os contos de fada em sua maioria tratam de assuntos existenciais, como morte de entes familiares, situações de perigo, o mal e o bem, etc. Eles colocam dilemas existenciais de forma simples e categórica, o que possibilita à criança vivenciar problema de forma mais profunda e trabalhar suas angústias com mais nitidez. Ele ainda coloca que:

> Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fada transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam as pressões pré - consciente e inconsciente. À medida que as histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las que estão de acordo com as requisições do ego e do superego. (BETTELHEIM apud SIMÕES, 2000, *on line*).

Acredita-se que a literatura infantil pode auxiliar a criança em momentos conflituosos de sua vida. Segundo Abromovich,

> A leitura de histórias permite que o leitor descubra o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos nós vivemos e atravessamos através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um ao seu modo). (ABROMOVICH, 1997, p. 17)

Ainda em relação às contribuições que a leitura de obras literárias. Rego (1990) defende que a Literatura Infantil apresenta dois critérios básicos e eficazes no caminho percorrido pela criança no processo de aquisição da escrita. Em primeiro lugar, porque se prende geralmente a conteúdos e atividades que são do interesse das crianças. Em segundo, é que por meio desses conteúdos, a literatura poderá despertar a atenção da criança para as características sintático-semânticas da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica.

Normalmente o primeiro contato que as crianças têm com as histórias são os textos, "contados", narrados, até porque narrar é uma característica própria dos seres humanos, tanto para explicar suas experiências, como para abordar o inexplicável. A magia, os deuses e os astros serviram por muito tempo para este fim. A partir do momento em que o ser humano descobre o fogo, até então propriedade dos deuses que desferiam por meio do raio, surgiram várias lendas que contribuíram para a formação de culturas até então desconhecidas.

A leitura de obras literárias permite-nos criar uma "ponte" entre o mundo real e o nosso imaginário.

> A literatura pode nos levar a um mundo idealizado, capaz de nos dar, sem nos alienar, o que o cotidiano nos nega. A literatura pode nos levar a conhecer pessoas, as personagens de ficção, que geram em nosso espírito simpatia ou antipatia, e possibilitam que o nosso "eu" se encontre e se reconheça ou se encontre em diferentes "eus". Este processo de identificação ou de projeção já nos dá a medida psicológica do texto literário, que age catarticamente sobre o caminho que nos leva à difícil viagem ao nosso interior. Saímos de um conto ou romance tontos de prazer e cheios de perguntas sobre o mundo e as pessoas que nos cercam. Sobre o mundo que somos nós e que, muitas vezes, desconhecemos. (Elias José, 2007, p.19.).

Abramovich (1997), afirma que o primeiro contato da criança com um texto escrito é feito oralmente, por meio da voz dos pais, dos irmãos, dos avós. Normalmente eles leem ou contam contos de fadas ou pequenos trechos de histórias bíblicas, histórias inventadas (tendo a criança, ou os seus progenitores, como personagens), livros pedagógicos, contos curtinhos, poemas sonoros e outros mais. Não importa a hora, pode ser dia ou noite, estar calor, frio, ventando pouco ou muito, o que importa mesmo é a tranquilidade que a voz calma e mansinha da pessoa amada provoca.

Ao ouvir histórias, a criança pode sentir emoções importantes, como o medo, a raiva, o bem-estar, a alegria, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

Contar histórias não é uma atividade que deve ser realizada de qualquer forma, não é bom que o narrador pegue o primeiro livro que esteja a sua frente e comece a ler de uma vez o que está escrito. O narrador da história (quem está contando) precisa estar consciente da importância de seu papel. É durante a leitura ou contação de uma história que o ouvinte descobre novas palavras, e seus respectivos significados, pois a voz do narrador soa como música ao ouvido das crianças, fluindo como uma canção.

Se os professores, principalmente os das séries iniciais souberem fazer o uso da Literatura Infantil, ela poderá contribuir muito para o desenvolvimento dos estudantes. Agora se essa literatura for trabalhada de forma desvirtuada ela despertará nas crianças o desprazer pela leitura de obras literárias.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fany. *Literatura Infantil. Gostosuras e Bobices.* São Paulo: Scipione, 1997.

CADERMATORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria & Prática.* São Paulo: Ática, 2003.

DINORAH, Maria. *O livro infantil e a formação do leitor.* Petrópolis, Rj: Vozes, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o Minidicionário da Língua Portuguesa.* 6 ed. rev. atualiz. – Curitiba: Positivo, 2004.

JOSÉ, Elias. *Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *A Literatura Infantil.* [on-line]. Disponível na internet via WWW URL: http://www.graudez.com.br/litinf/origens.htm. Capturado em 17/05/2009. 10h15mim.

POMBO, Olga. *Os irmãos Grimm, elementos bibliográficos.* [on-line] Disponível na internet via (WWW URL: http://www.edc.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/cinderela/grimm_biografia.htm). Acesso em 22/06/2009. 12h20mim

REGO. Lúcia Lins Browne. *Literatura infantil: Uma nova perspectiva para a alfabetização na pré – escola.* São Paulo: Editora FTD, 1990.

RIBEIRO, Jonas. *Colcha de leituras: - unindo amores, alinhavando leitores;* Ilustrações Márcia Széliga. São Paulo: Editora Elementar, 2002.

SIMÕES, Vera Lúcia Blac; *Histórias Infantis e aquisição de escrita*. Disponível na internet via (WWW URL: www.scielo.br). Acesso em 09/12/2008. 20h10.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola.* São Paulo: Global, 2003.